

## **CORINTHIANS (2) VS PALESTRA (1) E GAETANINHO: POSIÇÕES INTERPRETATIVAS DO FUTEBOL NOS CONTOS DO CORINTHIANO ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO**

Luis Eduardo Veloso GARCIA  
Universidade Estadual de Londrina  
e-mail: [dinho\\_piraju@hotmail.com](mailto:dinho_piraju@hotmail.com)

**Resumo:** Pretende-se apresentar aqui neste trabalho duas propostas interpretativas sobre o futebol na perspectiva dos contos *Corinthians (2) vs Palestra (1)* e *Gaetaninho*, do livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, lançado em 1927 pelo escritor e corinthiano Antonio de Alcântara Machado. Primeiramente, abordaremos essa ocorrência no célebre conto *Gaetaninho*, usando do futebol para demarcar não somente as movimentações do personagem principal, mas também o objeto causador de sua tragédia. Na segunda leitura construída, temos uma das maiores rivalidades da história do futebol paulista representada como plano central das inquietações da protagonista do conto *Corinthians (2) vs Palestra (1)*, além de várias construções relacionadas a linguagem que permeava os campos na década de 20. Para basear estas análises, além da interpretação direta do tema e sua linguagem refletida nos contos, usaremos alguns autores que evidenciam a importância de Alcântara Machado no retrato desta prática esportiva, entre eles, Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Nicolau Sevckenko e Marcos Faerman. Portanto, ao situar nossas leituras dessas duas obras na temática vibrante do futebol, além da busca da interpretação de sua ocorrência, estará em jogo também o reflexo de uma sociedade da qual os modernistas buscavam o retrato mais profundo de nossa brasilidade, e que Alcântara Machado soube encontrar em *Brás, Bexiga e Barra Funda* não só num processo lingüístico oral, mas também nos meios de interação social capazes de retratar os movimentos dessa sociedade, como aquela tarde no campo do Parque Antártica e a pelada de rua dos meninos.

**Palavras-chave:** conto; futebol; Alcântara Machado; modernismo; espaço urbano.

### **1. O FUTEBOL E O CORINTHIANO ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO**

*"O Corinthians é um fenômeno sociológico a ser estudado em profundidade"*  
Menotti Del Picchia

O jornalista, escritor e político Antônio de Alcântara Machado é, sem dúvida, um dos principais intelectuais a se posicionar a favor do futebol, não só como uma questão ilustrativa, mas sim como uma representação suprema de nossa cultura, assim como faziam José Lins do Rego e Nelson Rodrigues. E tal posicionamento não se limita ao campo literário, pois foi também fundador da primeira Liga Atlética Acadêmica do Brasil, que, segundo o historiador Nicolau Sevckenko era conhecida como “uma entidade poliesportiva devotada à propaganda, à prática e ao apoio de todas as formas de cultura física.”

Considerado como um torcedor símbolo do Sport Clube Corinthians, teve em seu pai - o conhecido professor, político e literato José de Alcântara Machado de Oliveira - um grande incentivador desta paixão, podendo vê-lo ser nomeado Presidente Honorário do Corinthians, além da homenagem recebida com o direito de dar o pontapé inicial no jogo comemorativo de inauguração do primeiro estádio do Clube na Ponte Grande, em 1918, estádio este que só foi possível concretizar sua existência através do poder político exercido por ele.

Portanto, com a influência corintiana muito bem representada em casa, Antonio de Alcântara Machado não poderia deixar de lado a importância do futebol em sua obra literária, principalmente o seu Corinthians, representado no conto “Corinthians (2) vs Palestra (1)” que será analisado a seguir, e, retrata, mesmo que ficcionalmente, a vitória de seu clube do coração em cima do grande rival Palmeiras.

## 2. O FUTEBOL E CORINTHIANS (2) VS PALESTRA (1): RIVALIDADE E MOVIMENTO SOCIAL

*Um jogo entre palmeiras e Corinthians não é apenas um clássico. É muito mais que isso, algo que transcende um simples jogo de futebol*  
Luis Fernando Cesarotti

Neste famoso conto presente no livro *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), o autor nos apresenta uma das maiores rivalidades da história do futebol nacional: o clássico Corinthians X Palmeiras (na época Palestra Itália).

A descrição de um jogo entre as duas equipes aparece aqui como um valioso motivo para retratar reflexos da sociedade representada na obra, além de servir como plano central da inquietação que move a protagonista da história Miquelina, em seu conflito entre a paixão pelo time do coração e a paixão por um jogador do time rival.

Primeiramente, Antonio de Alcântara preocupa-se em aproximar o time da narração com as equipes reais na década de 20, época em que foi escrito o conto, e que no Palmeiras o grande ídolo era Heitor, o goleador que até hoje mantém o recorde de gols no clube palestrino (com o total de 284 gols em 330 jogos), e no Corinthians era o folclórico Neco, primeiro ídolo corintiano, recordista em títulos Paulistas (8 campeonatos), duas vezes o artilheiro desta competição (1914 e 1920) e responsável pelo primeiro gol na partida narrada pelo conto. Estes dois craques aparecem na obra através do grito da torcida, dando a intenção deles estarem presentes em campo, apesar da maioria das jogadas e a atenção do desenvolver da partida estar inteiramente em Rocco e Biagio, jogadores fictícios, mas que vão, através das situações em campo, balançar o coração da protagonista Miquelina.

Outra importante questão que o autor não se esquece de colocar na obra é, como vimos na forma que aparecem os craques Heitor e Neco anteriormente, a voz da torcida. Os gritos reproduzidos pela torcida na obra são fielmente os mesmos que eram executados na década de 20, entre eles, um merece destaque especial por sua representação nos campos da época: “*Aleguá-guá-guá! Aleguá-guá-guá!*”. Tal grito, aparece no conto no coro das duas torcidas, primeiramente como “*Aleguá-guá-guá! Aleguá-guá-guá! Hurra! Hurra! Corinthians!*(p.81)”, e na sequência “*Palestra! Palestra! Aleguá-guá! Palestra Aleguá! Aleguá!*(p.82)”.

A origem deste grito está diretamente relacionado às torcidas mais populares dos times paulista, principalmente na do Corinthians, segundo aponta alguns historiadores do futebol, entre eles os autores do livro *Aleguá-guá Corinthians*(2010), Fernando Wanner, Luiz Wanner e o historiador Filipe Gonçalves. Neste livro, eles contam que as torcidas elitizadas do início do futebol em nosso país buscavam imitar os gritos das torcidas estrangeiras, entre eles, o “Allez” dos torcedores franceses, o célebre “Go” dos criadores deste esporte, os ingleses, e, por último, o grito de “Ask” das arquibancadas alemãs. Obviamente, com a popularização deste esporte em nossa terra, as torcidas daqui resolveram transformar rapidamente esses famosos gritos dos campos internacionais numa expressão que buscava abordar todos eles, mas, que no fim das contas, ganhou força própria, soando em todos os campos como o incontornável “aleguá-guá”. Por isso, nada mais apropriado do que colocar

uma expressão de tanta importância para a afirmação das torcidas e clubes brasileiros dentro do conto, mostrando, mais uma vez, o quanto Antonio de Alcântara Machado conhecia do universo que estava procurando representar.

Outra importante relação com a sociedade da década de 20 que sutilmente é demonstrada pelo autor é a questão inicial da violência nos estádios, que naquele tempo fazia-se presente, principalmente neste clássico, mesmo que numa proporção bem menor. Um dos casos mais notórios desta violência presente no confronto das duas torcidas ocorreu no começo desta década em 5 de setembro de 1920, no qual o grande personagem da briga foi justamente o folclórico Neco, citado no conto, em partida pelo campeonato paulista daquele ano, num jogo em que o Corinthians ganhou por 2 a 1 do Palestra Itália, em pleno Parque Antártica, e que ficou conhecido como o jogo da “cinta”.

Este jogo foi marcado por muitas brigas, dentro e fora de campo, e o ponto crucial da tensão coletiva causada no dia foi uma entrada que Neco sofreu do goleiro palestrino Primo, da qual o juiz Odilon Penteadado do Amaral marcou o justo pênalti, mas não conseguiu evitar o revide do craque corintiano com pontapés contra Primo. Percebendo a falta de pulso firme do juiz para controlar a verdadeira batalha campal ocorrida, Neco ameaçou usar a cinta que usava para prender o calção, na intenção de colocar ordem no caos generalizado. Com isso, a torcida foi ao delírio, pedindo para que o jogador usasse a cinta, ação esta, que para o bem do futebol, não foi concretizada, porém, não precisava, pois já tinha entrado para os momentos inesquecíveis do clássico. O resultado da partida terminou com o Palestra pedindo a anulação do jogo (que não foi aceita), e a depredação do Parque Antártica.

Após esta confusão, todos os jogos entre os dois clubes seriam marcados por uma pesada preocupação com a segurança, com a sempre constante participação da cavalaria da polícia militar de São Paulo para evitar outras brigas de tal magnitude, como podemos perceber nesta passagem do conto:

Amilcar deu uma cabeçada. A bola foi bater em Tedesco que saiu correndo com ela. E a linha toda avançou.

- Costura, macacada

Mas o juiz marcou um impedimento.

- Vendido! Bandido! Assassino!

Turumbamba na arquibancada. O refle do sargento subiu a escada.

- Não pode! Põe pra fora! Não pode!

Turumbamba na geral. A cavalaria movimentou-se.

Miquelina teve medo. O sargento prendeu o palestrino. Miquelina protestou baixinho:

- Nem torcer a gente pode mais! Nunca vi! (MACHADO, 1994, p. 83)

Além destes destaques para a torcida, Alcântara Machado também preocupa-se em mostrar na estrutura do conto uma concepção comum nos estádios: a sensação de flashes, seja nas falas ou nas cenas descritas. Entre as artimanhas buscadas para a funcionalidade deste efeito, temos a linguagem comum dos estádios lançada em falas que não constroem um diálogo, mas que descrevem a reação da torcida diante uma jogada, ou a descrição do espaço do jogo através de recortes visuais, que acabam, pela junção dos fatos, construindo uma imagem, como podemos perceber na passagem inicial da obra:

Prrrii!

- Aí, Heitor!

A bola foi parar na extrema esquerda. Melle desembestou com ela.

A arquibancada pôs-se em pé. Conteve a respiração. Suspirou:

- Aaaaah!

Miquelina cravava as unhas no braço gordo da Iolanda. Em torno do trapézio verde a ânsia de vinte mil pessoas. De olhos ávidos. De nervos elétricos. De preto. De branco. De azul. De vermelho.

Delírio futebolístico no Parque Antártica.

Camisas verdes e calções negros corriam, pulavam, chocavam-se, embaralhavam-se, caíam, contorcionavam-se, esfalfavam-se, brigavam. Por causa da bola de couro amarelo que não parava, que não parava um minuto, um segundo. Não parava.

- Neco! Neco!

Parecia um louco. Driblou. Escorregou. Driblou. Correu. Parou. Chutou.

- Gooooo! Gooooo! (MACHADO, 1994, p. 80-81)

Conhecido o espaço e estrutura que formam a obra, entramos finalmente na análise do drama transcorrido: o coração dividido de Miquelina.

O autor constrói aqui, num paralelo da rivalidade entre os dois times, um paralelo de uma paixão dividida, da qual Miquelina, a protagonista da história e apaixonada pelo Palestra, acaba sendo confrontada com a enorme inquietação de não saber qual dos dois homens que a cortejam ela gosta mais: se o craque palestrino Biagio, o jogador que ela namora no atual momento da partida, ou o craque corintiano Rocco, com quem ela terminou recentemente. O jogo torna-se, portanto, uma clara demonstração do drama que divide a personagem, a tal ponto de sua escolha por qual dos dois ela é realmente apaixonada ficar a cargo do resultado do jogo. A apresentação dos dois jogadores acontece justamente pela relação de ambos com Miquelina, no seguinte trecho:

A exaltação decresceu como um trovão.

- O Rocco é que está garantindo o Palestra. Aí, Rocco! Quebra eles sem dó!

A Iolanda achou graça. Deu risada.

- Você está ficando maluca, Miquelina. Puxa! Que bruta paixão!

Era mesmo. Gostava do Rocco, pronto. Deu o fora no Biagio (o jovem e esperançoso esportista Biagio Panaiocchi, diligente auxiliar da firma desta praça G. Gasparoni & Filhos e denodado meia-direita do S. C. Corinthians Paulista, campeão do Centenário) só por causa dele.

- Juiz ladrão, indecente! Larga o apito. gatuno!

Na Sociedade Beneficente e Recreativa do Bexiga toda a gente sabia de sua história com o Biagio. Só porque ele era freqüentador dos bailes dominicais da Sociedade não pôs mais os pés lá. E passou a torcer para O Palestra. E começou a namorar o Rocco.

- O Palestra não dá pro pulo!

- Fecha essa latrina, seu burro! (MACHADO, 1994, p. 81-82)

Até o fim do jogo, Miquelina procura manter sua torcida forte por Rocco, como se o desempenho dele dependesse também sua admiração, mas, como o Palestra acaba sendo derrotado, temos no desfecho da obra, mesmo que de forma subentendida, a sensação de que Miquelina voltará a correr atrás de Rocco, voltando a freqüentar a Sociedade Beneficente e Recreativa do Bexiga:

- Diga uma cousa, Iolanda. Você vai hoje na Sociedade?

- Vou com o meu irmão.

- Então passa por casa que eu também vou.

- Não!

- Que bruta admiração! Por que não?

- E o Biagio?

- Não é de sua conta.

Os pingentes mexiam com as moças de braço dado nas calçadas.  
(MACHADO, 1994, p. 86-87)

Portanto, temos no conto não só a movimentação pertencente aos estádios na década de 20 pela fala e descrição de cenas capitais, mas também um drama muito bem estruturado em que o romance passa diretamente pelas ações relativas deste esporte tão passional.

### 3. O FUTEBOL E GAETANINHO: CARACTERIZAÇÃO E TRAGÉDIA

*Gaetaninho é já agora figura clássica para a nossa galeria de tipos sintéticos, que definem meios sociais e exprimem grandes porções de gente*  
Agrippino Grieco

Em “Gaetaninho”, presente também no livro *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), temos a ocorrência do futebol em duas frentes diferentes: primeiramente, na movimentação do personagem principal ao qual se refere o título, e, também, na situação que concretiza o drama deste protagonista.

Na trama do conto, vemos a história de Gaetaninho, um menino que, como qualquer outro de sua idade, adora passar o dia jogando futebol. Um dos seus grandes desejos é andar de carro, desejo este que aparece realizado num sonho do garoto, do qual ele enxerga a cena de um velório, mais precisamente de sua tia, que ele acompanha dentro do carro funerário. Algum tempo depois, numa partida de futebol na rua em frente a sua casa, Gaetaninho, ao tentar pegar uma bola se distrai, sendo atropelado pelo bonde, realizando, mesmo que de forma extremamente trágica, o desejo de andar de carro, mais precisamente no carro funeral de seu próprio enterro, numa cena que beira o humor negro.

Seguindo os caminhos da análise do conto anterior, só que numa perspectiva adversa, a linguagem do futebol aqui não está relacionada a fala comum dos estádios, mas sim com a movimentação do protagonista chamado Gaetaninho, para que ocorra o elo entre sua paixão pelo esporte e a importância deste para o menino, a tal ponto de seus movimentos serem caracterizados pela prática futebolística, como podemos perceber neste trecho da obra:

Foi-se chegando devagarinho, devagarinho. Fazendo beicinho. Estudando o terreno. Diante da mãe e do chinelo parou. Balançou o corpo. Recurso de campeão de futebol. Fingiu tomar a direita. Mas deu meia volta instantânea e varou pela esquerda porta adentro.

Êta salame de mestre!(MACHADO, 1994, p. 55)

Nesta passagem, a intenção de um drible é construída na imagem, caracterizando tanto a paixão pelo esporte, quanto o reflexo da influência dele no menino em situações cotidianas, como a de se desvencilhar de uma bronca da mãe.

A outra parte presente no conto da qual o futebol está diretamente relacionado é a cena do desfecho em que o menino está jogando bola com seus amigos de rua. Justamente num jogo de futebol na calçada, do qual Alcântara Machado inicia com a inquietante descrição de ser um jogo “de vida ou morte”, Gaetaninho terá seu drama finalmente concretizado, com um trágico atropelamento ao tentar pegar a bola quando esta vai parar no meio da rua.

Mais uma vez temos alguns jargões comuns do futebol em cena, porém, eles servem mais como ilustração, pois a partida tende a demonstrar que Gaetaninho participa também do

jogo de sua própria vida na cena, levando a pior, tanto contra seu rival Beppino( que é uma das figuras presentes no sonho, no momento em que ele declara não gostar deste menino) quanto contra sua própria sorte, como podemos perceber no trecho citado:

O jogo na calçada parecia de vida ou morte. Muito embora Gaetaninho não estava ligando.

- Você conhecia o pai do Afonso, Beppino?

- Meu pai deu uma vez na cara dele.

- Então você não vai amanhã no enterro. Eu vou!

O Vicente protestou indignado:

- Assim não jogo mais! O Gaetaninho está atrapalhando!

Gaetaninho voltou para o seu posto de guardião. Tão cheio de responsabilidades.

O Nino veio correndo com a bolinha de meia. Chegou bem perto. Com o tronco arqueado, as pernas dobradas, os braços estendidos, as mãos abertas, Gaetaninho ficou pronto para a defesa.

- Passa pro Beppino!

Beppino deu dois passos e meteu o pé na bola. Com todo o muque. Ela cobriu o guardião sardento e foi parar no meio da rua.

- Vá dar tiro no inferno!

- Cala a boca, palestrino!

- Traga a bola!

Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou. (MACHADO, 1994, p. 57-58)

Então, a proporção do futebol neste conto não é de existir como um plano de fundo da historia, mas sim como um costume presente no cotidiano brasileiro, a tal ponto de ser característica dos hábitos de meninos da época e, principalmente, representar o trágico em suas vidas. Por isso, ao optar por apresentar o futebol não como figura ilustrativa, Antonio de Alcântara Machado consegue aproximar ainda mais do ideal que buscavam realmente os modernistas, como veremos na análise seguinte.

#### **4. O FUTEBOL E A CONCEPÇÃO MODERNISTA**

No caso do futebol para os modernistas relacionados a Semana de Arte Moderna de 22, temos um traço de resistência muito forte para reconhecê-lo como um fenômeno em que pudesse ser retratado algum aspecto de nossa nacionalidade, diferente do modo em que eles enxergaram a musica popular e o folclore. Este confronto é perceptível na obra de dois dos maiores nomes daquela geração: Mario de Andrade e Oswald de Andrade.

Na visão destes autores, o futebol representava, por sua origem legitimamente inglesa, uma dependência cultural aos hábitos e costumes europeus, relacionando esta importação do futebol como a representação da “adoção de mais um artigo de luxo, com sua linguagem integralmente inglesa e seu vestuário britânico desconhecido”. Tal afirmação ganhava ainda mais força na visão modernista por causa da aceitação massiva deste esporte pelas elites do Rio de Janeiro e de São Paulo, despertando somente o desprezo e repudio destes escritores.

Em Mario de Andrade, temos a imagem do futebol como algo que, embora significativamente forte no dia a dia do habitante de São Paulo, não passa de uma moda fútil entre as muitas que aportavam vindas da Europa. Duas referencia conhecidas feitas na obra deste autor ocorrem, primeiramente, no poema de Paulicéia Desvairada que acompanhamos a seguir:

“Hoje quem joga ?...  
 O Paulistano Para o Jardim América das rosas e dos pontapés !  
 Friedenreich fez goal ! Corner ! Que juiz !  
 Gostar de Bianco ? Adoro. Qual Bartô...  
 E o meu xará maravilhoso !...  
 – Futilidade, civilização...”  
 (ANDRADE, s.d., p. 47)

No poema, apesar de chamar a atenção para a empolgante movimentação social relativa a este esporte, a conclusão não escapa da taxaço de objeto de elite. O mesmo julgamento se faz presente em Macunaíma, colocando a prática futebolística como uma das três pragas nacionais, juntamente com o bicho-do-café e da lagarta rosada.

Na obra de Oswald, o mesmo aspecto da praga exportada que nada acrescentava ao nacional vem à tona, como vemos no poema *Bungalow das rosas e dos pontapés*, presente no livro *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924):

“Bondes gols  
 Aleguais  
 Noctâmbulos de matches campeões  
 E poeira  
 Com vesperais  
 Desenvoltas tennis girls  
 No Paulistano  
 Paso doble.”  
 (ANDRADE, s.d., p. 88)

No poema, o futebol representa o aspecto do cosmopolitismo que permeia aquela São Paulo do início de século, na tentativa de se proclamar também na busca e sua europeização. Algum tempo depois, Oswald escreveria um artigo para o Estado de São Paulo referindo-se ao futebol como um elemento forte de alienação, assim como a religião, o cinema e a política, idéia esta, obviamente influenciada pelas idéias marxistas que permearam algumas de suas obras daquela época, entre elas, *O Homem e o Cavalo* (1934).

O futebol só ganha o devido reconhecimento como objeto de importância vital para descrever nossa sociedade na obra de Antonio de Alcântara Machado, quando em 1927, lança *Brás, Bexiga e Barra Funda*, o livro que aparece “Corinthians (2) VS Palestra (1)” e Gaetaninho, os contos aqui estudados. Em sua literatura, o futebol para de ocupar o lugar ilustrativo, tornando-se então o centro da obra, inclusive na linguagem, como salienta Sevcenko:

A percepção de como o futebol propicia uma angulação privilegiada para entender o funcionamento da sociedade de massas de base tecnológica fica entretanto patente no caso de Alcântara Machado como em nenhum outro. Antes de tudo pela reformulação sintática da linguagem, como vimos, transformada por uma operação energética que a mantém não apenas aderida à ação em curso, mas sobretudo atuando como uma vibração fática a partir da qual só os estímulos à atividade corporal e coletiva legitimam seja o discurso seja a comunicação. (SEVCENKO, 1994, p. 32)

Outro que chama atenção para o exercício modernista tão bem elaborado na obra de Alcântara Machado é o crítico Alfredo Bosi, apontando nos contos deste livro a tradução mais expressiva do espaço urbano relacionado a capital paulista:

Voltado para a vida da sua cidade, Alcântara Machado soube ver e exprimir as alterações que trouxera à realidade urbana em um novo personagem: o imigrante. O enxerto que o estrangeiro, sobretudo o italiano, significava para o tronco luso-tupi da antiga São Paulo produziu mudanças de costumes, de reações psicológicas e, naturalmente, uma *fala* nova a espelhar novos conteúdos. (BOSI, 1994, p.374)

Além de retratar fielmente a noção do que representava a movimentação social do país, representação esta tão desejada pelos modernistas, Alcântara Machado também cumpria a função de derrubar a linguagem formal e rebuscada, assim como Oswald e Mario de Andrade tanto faziam questão em seus projetos literários.

Com uma linguagem enxuta, por vezes fragmentada, próxima de uma técnica cinematográfica em suas justaposições de cenas, construída num vocabulário simples e coloquial com forte apelo para a oralidade feito de frases curtas e elípticas, o autor consegue alcançar todas as exigências relacionadas ao projeto modernista, tanto na linguagem quanto nos assuntos tratados.

Por isso, podemos apontar em Alcântara Machado a realização completa do futebol como um objeto tão valioso na representatividade nacional quanto a música popular e o folclore, deixando de lado as resistências de outros modernistas, que não souberam separar a origem com o objeto em constante transformação na sociedade brasileira, diferentemente da forma como eles enxergavam as próprias vanguardas européias e, inclusive, a nossa música.

## CONCLUSÃO

Nos dois contos analisados, podemos conferir algumas faces interessantes do futebol: o trabalho com a linguagem, o retrato de costumes, a perspectiva do drama que ele carrega, e, principalmente, o reflexo de uma sociedade geradora dos modernistas que, apesar de algumas resistências como as opiniões de Oswald e Mario de Andrade, tinham muito a somar com este esporte.

Em “Corinthians (2) VS Palestra (1)”, o futebol apresenta a função da maior rivalidade do estado para compreender o tamanho do drama sentimental da protagonista. Também a linguagem dos estádios se faz presente com os gritos de torcida e sons que só aqueles que já estiveram neste espetáculo poderão reconhecer.

No “Gaetaninho”, a movimentação do personagem reflete sua paixão pelo esporte, e, através dessa prática, também se constrói o elemento trágico que levará a vida do menino numa partida de rua que, como chama a atenção o narrador, é de “vida ou morte”.

Portanto, ao trabalhar o futebol como objeto fundamental para retratar de forma metonímica a sociedade paulista, colocando na pequena parte relativa ao esporte o reflexo do todo compreendido como a São Paulo da década de 20, o corintiano Alcântara Machado consegue definir o quanto importante é esta prática não só para sua paixão como torcedor, mas para todos que dividiram os espaços representados na obra, e não só naquela época, pois as peladas de rua do Gaetaninho ainda definem a vida dos meninos, assim como o Parque Antártica também carrega a mesma carga de conflito e rivalidade.



## Referências

- ANDRADE, M. de. *De Paulicéia desvairada a Café (Poesias completas)*. Círculo do Livro : São Paulo, s.d.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. Itatiaia: Belo Horizonte, 1988.
- ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar*. Globo : São Paulo, 1991,
- ANDRADE, Oswald de. “Do órfico e mais cogitações”. In: *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 34.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CITADINI, Antonio Roque. *Alambrado*. Editora Algor: São Paulo, 2010.
- DUARTE, Orlando. *Palmeiras, o alviverde imponente*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 2008.
- FAERMAN, Marcos. *A prosa e a bola*. In: *Cult. n.º 11*, junho de 1998.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 2004.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. Brás, Bexiga e Barra Funda. In: \_\_\_\_\_. *Novelas Paulistanas*. Garnier: Rio de Janeiro – Belo Horizonte, 1994.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *Corinthians x palmeiras - uma historia de rivalidade*. Editora Mauad: Rio de Janeiro, 2001.
- OLIVEIRA, Valdevino Soares de. *A linguagem de Antônio de Alcântara Machado. Uma vertente modernista*. 1980. Dissertação (Mestrado) – USP, São Paulo, 1980.
- SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos”. In: *Revista USP (Dossiê futebol)*. São Paulo: USP, 1994. 22 n.
- UNZELTE, Celso. *Timão 100 anos - 100 jogos - 100 ídolos*. Gutenberg: São Paulo, 2009.
- WANNER, Fernando; WANNER, Luiz e GONÇALVES, Filipe. *Aleguá-guá Corinthians*. Corintheta: São Paulo, 2010.